

Júlio Fragata

– Uma Lição de Ciência e de Vida

MARIA TERESA FRAGATA *

RESUMO

Foram muitas as conversas, muitas as interrogações, mas do muito que nos soube transmitir com palavras simples e pensamento profundo e vigoroso, Júlio Fragata legou-nos a capacidade de levar a criatividade do seu pensar a novas conclusões e verdades inatingíveis.

ABSTRACT

There were many conversations, many questions, but Júlio Fragata, for how much he was able to convey to us with simple words and deep, powerful thought, bequeathed us the ability to take the creativity of his thinking to new conclusions and unattainable truths.

Palavras-Chave: metodologia, metafísica, uno, múltiplo, ser, essente

Key words: *methodology, metaphysics, one, multiple, being, essent*

Não é tarefa fácil recordar alguém cujo labor deixou um marco na vida de todos nós, mas as palavras ou o silêncio que sempre as acompanha servir-nos-ão, certamente, para levar a bom termo a evocação que se pretende, simples e sentida, como acontece com a vida de meu tio, Pe. Júlio Fragata.

* Investigadora. Doutorada pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa e pela Universidade de Bordéus.

Júlio Fragata nasceu a 17 de Abril de 1920, na pequena aldeia de Seixo de Ansiães do Distrito de Bragança, tendo sido registado em Carrazeda de Ansiães onde o meu avô era professor primário. Foi o primeiro de mais dois irmãos, o meu pai Armando, nascido em Bragança, e o meu tio Luís, nascido em Montemor-o-Velho. É notória a variedade de locais de nascimento dos meus tios e pai, mas existe, na verdade, uma explicação para estas raízes saltitantes e pouco comuns para a época. O meu avô António Júlio, nascido em Lagoaça do concelho de Freixo de Espada à Cinta, gostava imenso de mudar de ares! Tinha a seu favor o ter terminado o Magistério com a média de 20 valores e, por esse motivo, nunca ter tido qualquer problema com a sua colocação enquanto professor. A minha avó Rosalina sempre o acompanhou, pacientemente, e daí o nascimento dos seus três filhos ter ocorrido em locais bem distintos – a aldeia de Carrazeda de Ansiães, a cidade de Bragança e a vila de Montemor-o-Velho! Será desta vila que rumam a Mirandela onde Júlio Fragata fará a primeira comunhão, celebrada pelo pároco Pe. Luís que lhe ofereceu a sua primeira estampa de Santa Teresinha e que ele viria a guardar com a maior dedicação durante toda a sua vida. Nova mudança de ares, desta feita para Moncorvo onde seria crismado pelo Bispo de Bragança, D. António Bento Martins Júnior, que na altura estava em visita pastoral a esta diocese, cujo pároco era o Pe. António Pimpim. Em 1932, iniciou os seus estudos preparatórios para o sacerdócio no Seminário da Costa, em Guimarães e o meu avô acabou por fixar residência na cidade do Porto, onde mudaria de casa mais nove vezes, duas delas no mesmo prédio! Lembro-me do sorriso do meu tio ao recordar todas estas mudanças por ele anotadas no seu diário de família, e cito, “Os meus irmãos viviam em eterna surpresa! Em Guimarães, aguardava com serenidade informações sobre cada mudança e anotava no meu caderninho a rua e número da nova habitação!”

Impossível resistir ao seu sorriso de cada vez que nos presenteava com estas recordações, aliás o mesmo sorriso meigo e cheio de luz que sempre o acompanhou e que tanto aliviou a minha avó no confronto com todas estas mudanças.

Com a sua entrada para a Companhia de Jesus, em 1937, iniciou um percurso brilhante enquanto sacerdote e professor de várias universidades estatais e da igreja. Licenciou-se em Filosofia em 1947, obteve em 1951, um ano depois de ser ordenado sacerdote, a licenciatura em Teologia na Universidade de Innsbruck, na Áustria de onde partiu para Roma onde, em 1954, defendeu a sua tese “A Fenomenologia de Husserl como Fundamento da Filosofia”, e obteve o seu grau de Doutor em Filosofia. Não irei enumerar todos os locais que beneficiaram da sua presença, mas não posso deixar de

salientar o seu apego à Faculdade de Filosofia de Braga, onde começou a ensinar em 1954 e da qual foi diretor mais de 15 anos, as suas funções de Incumbido de Regência para a cadeira de História da Filosofia Moderna na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dos cursos ministrados no Brasil, do seu trabalho enquanto Provincial da Companhia de Jesus, em Lisboa, e do seu grande empenho no lançamento da secção de Viseu da Universidade Católica Portuguesa e da Extensão madeirense da mesma Universidade, das quais também foi Diretor.

Sacerdote da Companhia de Jesus, filósofo e pensador, professor e pedagogo, todas estas designações encaixam perfeitamente na sua figura pequenina, irrequieta, mas de sorriso sempre doce. De uma generosidade e simplicidade raras e de coração aberto para todos Júlio Fragata soube, com a sua inteligência e bondade, encantar e enriquecer o pensamento de todos os que com ele se cruzaram. De diálogo fácil, incentivava a que os seus alunos iniciassem um trabalho de investigação como se se tratasse, como ele tantas vezes me disse, de um despertar para a aventura do pensar. Orientava-os, sem se impor, qualidade também tão rara ainda nos tempos de hoje, e surpreendia-os com a argúcia com que envolvia o seu raciocínio.

No pouco tempo de que dispunha para visitar a família mostrou sempre uma paciência sem limites para acompanhar esta sua sobrinha muito palavrosa e de silêncios bem difíceis! Como era possível a uma adolescente estar calada quando tinha à sua frente um autêntico ficheiro de assuntos para ela percorrer e dar largas à sua imaginação? Poder abrir aquela gavetinha do seu pensamento acalmava a minha irrequietude e despertou-me para as suas aventuras do pensamento através da palavra!

Lançada a semente, a vida não permitiu que ela germinasse de imediato. Os anos foram passando e, rápido, dei por mim a chorar a sua perda e a sentir o quanto a sua presença terrena significara para mim!

Prometera-lhe não abandonar a *nossa* grande aventura pelo Saber e deitei mãos à obra. Saliento o *nossa*, porque os meus passos necessitaram dos dele para me orientar numa área, a filosófica, que não sendo a minha, sempre fez parte da minha aprendizagem e foi essencial na reflexão e análise dos temas que me propus desenvolver, quer no mestrado, quer no doutoramento. E se estas duas aventuras foram bafejadas por muitas das conversas que mantivemos um com o outro, algumas delas por mim registadas, no meu trabalho de doutoramento encontrei-me na companhia de alguns dos seus filósofos preferidos – Aristóteles, Descartes, Kant,

Kierkegaard, Heidegger, Marx, Ernst Bloch, Karl Jaspers, Sartre e Husserl – a quem também dei a mão para navegar por mares bem turbulentos do pensamento europeu entre os séculos XVI e XX e de ajuda preciosa para o enquadramento dos autores que me propusera trabalhar.

Gostava de transmitir o quanto as lições de Júlio Fragata me abriram as portas à sua concretização e o quanto o *meu caderninho de notas do tio sábio* – assim o intitulei na minha adolescência – e registo de muitas das nossas conversas me foi útil.

Uma delas aconteceu na Brotéria e estendeu-se sobre a escrita enquanto comunicação do pensamento e divulgadora de ideias de maneira profunda e clara. Em causa o seu livro *Noções de Metodologia – Para a Elaboração de um Trabalho Científico* – que eu levava comigo.

Sempre com aquele sorriso que tão bem o caracterizava, comentou:

– Pelo que vejo, já te deste ao trabalho de folhear o meu livro!

– É verdade! Estive na biblioteca a lê-lo! Que leitura tão agradável!

– Que bom, que assim me julgas! É um livro, sim, de leitura simples e que espero seja de grande utilidade para jovens, como tu, que agora iniciam alguns trabalhos e outros que queiram ir mais além nas suas investigações, como eu gostaria que acontecesse contigo mais tarde.

– Simples de ler, mas não só, respondi eu! Senti que foi muito conciso na sua elaboração, cuidadoso em querer fazer-se entender através da simplicidade com que expõe os seus argumentos!

– Tudo tem uma razão de ser, Teresinha! Se viveres a vida em simplicidade o pensamento acompanha-a e ao fazermos-lo conseguimos o raciocínio certo para que nos entendam com clareza e exatidão. Não nos devemos alongar por palavras que só servem para sobrecarregar o pensamento de quem nos lê. Daí ser muito importante a escolha do tema a abordar para ser sentido como sendo a tua inclinação pessoal; se não o fizeres dificilmente vais conseguir ser perseverante e desenvolver o teu trabalho de forma concisa e com as palavras necessárias para que entendam o que queres transmitir. Se, pelo contrário, sentires prazer no que escreves, porque o escolheste, vais ver que não precisas de dizer mais do que o que é necessário.

– Que engraçado, interrompi eu, está então a dizer-me que a verbosidade pode arruinar um trabalho!

– Claro, há que ser conciso como já te manifestei. Clarificar em demasia leva ao obscurecimento, prejudica o nosso interesse pela leitura e quando damos por isso estamos aborrecidos.

– E abrimos a boca de cansaço, digo eu! Agora compreendo o quanto uma palavra pode significar! Mas tenho que lhe confessar algo! Eu, que sou muito palavrosa, quando escrevo não gosto muito de me alargar em explicações! Estranho, não é? Até porque os autores de que gosto, como o tio sabe, são um pouco problemáticos – e falo de Goethe, Schiller, Joyce, Kafka, Celan, o nosso Pessoa – e receio não conseguir em poucas palavras desenvolver o que pretendo!

– Vais ver que não é bem assim como estás a pensar! Se fores ao fundo das questões e atingires algo ainda oculto nesses teus autores estarás sempre no bom caminho e, para o percorreres, não vais necessitar de muitas palavras. Tens de ser persistente e de ter a calma e tranquilidade necessárias para não esmoreceres na tua pesquisa. E acima de tudo nunca te esqueças de que deves utilizar um estilo singelo, despretensioso e elegante! Sabes por quê? Porque o estilo vai ser sempre o espelho do teu pensamento!

Aliviada, mas ainda duvidosa do caminho a tomar, disse:

– A sua enorme capacidade de tornar fácil o que para mim começa a ser difícil é estonteante, querido tio!

– Vê o fácil e esquece o difícil. Como já te disse, a escolha de um trabalho é de carácter pessoal. O professor pode sugerir, mas a decisão será sempre tua. Com a decisão tomada será bom não voltares atrás independentemente das dificuldades que possam surgir! Por isso eu insisto em dizer que, ao iniciares um trabalho, não deves ser muito minuciosa. O pormenor vai aparecendo à medida que vais escrevendo e muita coisa vais ter que alterar no seu percurso!

– Se eu conseguir ter tudo isso presente, parece fácil, sim! Mas se eu enveredar algum dia por um destes autores, será que me vou perder em alguma encruzilhada de onde não vou conseguir sair?

– Tenho que te recordar que as grandes hipóteses científicas exigem sempre dois trabalhos – observação e reflexão. Voltamos ao início da nossa conversa. Sê persistente para ires ao fundo de uma questão, precisa para não te perderes em deambulações e vive esses momentos com calma e tranquilidade. Se Deus o permitir gostava muito de ainda poder serenar-te e de partilhar da tua aventura.

– E vai partilhar, sim! Abriu-me o caminho, convidou-me para ir à descoberta e não quero ir sozinha!

Sorriu com os seus olhitos brilhantes e agradado com o meu entusiasmo pelo “pouquinho” que ele sempre referia transmitir. E era tanto, mas tanto, o que ele me oferecia para eu poder dar vida à palavra!

Sem ele, fisicamente, mas sentindo-o, dei por finda a minha aventura de mestrado, enveredei para o doutoramento e pressenti o seu agrado pela minha escolha – dar voz e silêncio a dois grandes vultos da cultura portuguesa e belga – Fernando Pessoa e Maurice Maeterlinck. E, de tal modo estou certa deste seu agrado que faço dele também estas palavras que o meu afeto vos dita:

– Conhecendo como te conheço, só posso dizer, que grande aventura! Prepara-te para falares com eles a duas vozes e não te esqueças do fiel que as equilibra! Serão muitas as questões, muitas as indecisões, mas as vozes possíveis e impossíveis marcarão os teus passos no silêncio de que ambos tanto gostamos!

Ao relatar-vos tudo isto, sinto que os meus encontros e trocas de impressões com o meu tio nunca acabaram! Continuei e continuo a colocá-lhe questões sempre que necessito, mesmo que a resposta só esteja para lá do visível e do audível por mim percepcionado. Ao servir-me do meu *caderinho de notas do tio sábio* enquanto doutoranda e a viver a enorme instabilidade referencial dos meus autores, senti que as suas palavras se sobrepuseram a essa inquietude e me ajudaram a explicar uma escrita vivida num eterno movimento em direção ao absoluto sempre na busca de um estado de alma e a justificar a forma infinita que definiu o inacabamento de grande parte dos seus escritos.

A conversa que se segue valida este meu sentir e é, entre muitas, a que mais me comove, dada a proximidade do ano em que o perdi – início de 1985 – e pelo local onde aconteceu – a sua estadia de uma noite em minha casa. Folheando um dos livros que eu tinha na mesa olhou-me com ar desafiador:

– Estás a ler Pessoa, muito bem! Considero-o um grande poeta filósofo que tem estado esquecido e é bem merecedor de atenção! Do que dele conheço, e não será tanto como tu, gostava que me esclarecesses quanto ao seu pensamento metafísico.

– Querido tio está a pedir-me explicações, a mim que tanto necessito das suas ... como se eu lhe pudesse ensinar algo que não saiba!

O seu sorriso era desafiador e continuei:

– Pessoa é um ser desinquieto na sua multiplicidade, certo? Parece ter sido sempre a voz em muitas vozes só para se conhecer a si e ao mundo e os seus heterónimos são disso prova dada uma vez que foi através de muitos deles que começou a conceber a metafísica primeiro como ciência do Ser, da Verdade ou Absoluto, a entendê-la depois como arte e só

mais tarde como gnose. E foi ao entender o Ser como pensamento ou essência sem existência que criou uma relação de identidade entre Ser e Não Ser, criação essa que o fez viver na negação. É doloroso, só de pensar, não acha? Mas agora sou eu que pergunto, de que maneira é que explica a passagem do uno ao múltiplo deste nosso poeta filósofo?

– Ora aí está algo bem interessante. Chegámos onde eu gostaria que chegasses!

O problema do uno e do múltiplo, como penso que já falámos há uns tempos, estimulou a reflexão filosófica desde os primórdios da filosofia ocidental. Já antes de Platão, Parménides e Heraclito se criaram duas correntes opostas, a primeiro em que o Ser era totalidade absoluta e uno e a segunda em que o Ser era mobilidade e pura dispersão. Resumindo, já nesta altura estás perante um imobilismo e um mobilismo exagerado, tendências que levaram mais tarde a que determinados filósofos acentuassem a unidade em detrimento da multiplicidade. Espinosa e Hegel são dois deles.

– Mas também outros houve que acentuaram a multiplicidade. Em tempos falámos de Hume, de Fichte. Parece-me um beco sem saída!

– Não será bem assim, Teresinha. Com a analogia conciliamos estes extremos – o ser não é pura unidade, nem pura dispersão. Engloba, portanto, os dois numa unidade imperfeita que sintetiza a identidade e diversidade.

– Mas então qual será a solução para essa unidade imperfeita?

Com as mãos uma na outra, como ele tanto gostava de falar, e muito agradado com a conversa, continuou:

– Já te falei do *ser* e do *essente*, não é verdade? O *ser* exprime a unidade e o *essente* a multiplicidade. O *ser* invade e transcende os *essentes* e a multiplicidade nasce do *ser*, não vem de fora dele. Tens que também ter em conta que qualquer *essente* da nossa experiência está sempre em evolução e não deixa de ser ele mesmo. De acordo com a teoria aristotélica de acto e potência em que um *ser* assume a sua realização de acordo com um fim e é em virtude deste que se transforma, estamos a caminho de uma concepção evolutiva do mundo e dos seus *essentes*!

– Mas como é que um *essente* é ele-mesmo pelo todo e diversificado pelo todo também?

– O *essente* é uno com o *ser*, com outro *essente* e consigo mesmo, mas também diverso do *ser*, dos outros *essentes* e até de si mesmo. O *essente* mantém com o *ser* uma intimidade, uma interioridade que o singulariza e que está implicada nele próprio e uma exterioridade ao poder distinguir-se do *ser*. Esta interioridade e exterioridade unificam-se numa totalidade e são estes três princípios que explicam a sua diversidade.

– Mas como é que o *essente* continua ele mesmo com todas as alterações do seu *ser*?

– Se voltarmos a Fernando Pessoa, motivo da nossa conversa, será capaz de explicar a passagem do uno e do múltiplo através duma determinação do *ser* dado que ele ao multiplicar-se nega-se a si próprio, e por quê? Porque para ele o *ser* e o *essente* existem na sua aparência, na sua necessidade de mudança, mudança essa que se dá na substância, não no *ser*. Ele acaba por não se realizar na sua multiplicidade, por isso a sua voz se torna uma voz impossível na multiplicidade do seu *ser*.

Esta nossa troca de impressões entrou pela noite dentro e poderia ter continuado não fossem os afazeres que o esperavam no dia seguinte. Radiante com os meus porquês, ficou a vontade de mais encontros que os houve, mas mais para lhe fazer sentir o quanto estava com ele e o quanto rezava para Deus lhe minorar a dor.

Deixou-me com as palavras que serviram de abrigo à minha investigação e que me aproximaram de um mundo real, de um imaginário, de um todo e de um nada, de um querer e de um ser, de um simples acreditar e desacreditar, de um misto antagónico de pensar, mas que me fizeram ver o visível e invisível da existência humana na figura que se queria singular do ser humano. E acima de tudo, as nossas palavras deram forma e vida à *nossa* aventura, sempre a dois, e ao trabalho que lhe dediquei.

Ao estar-lhe eternamente grata pela cumplicidade e carinho que sempre nos uniu e pela vontade que sempre teve em me abrir caminhos para o Saber, sinto que ao lado do Ser infinito que sempre o acompanhou me ajuda todos os dias a sorrir à Vida!

REFERÊNCIAS:

Fragata, Júlio. *Noções de Metodologia – Para a Elaboração de um Trabalho Científico*, 3ª Edição, Porto, Tavares Martins, 1980.

Fragata, Júlio. *Problemas da Filosofia Contemporânea*. Publicações da Faculdade de Filosofia de Braga, 1989.